

AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA DÉCADA DE 1950 EM UM ESTADO DO SUL DO BRASIL: O CASO DO PARANÁ*

Márcio de Oliveira

A fundação do curso de Ciências Sociais no Paraná

O cenário dentro do qual surge a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLPr) e, em seu interior, o curso de Ciências Sociais remonta à virada do século XIX para o XX, quando se estabelece, no estado, a luta entre clericais e anticlericais, constitutiva da teia de inter-relações entre a primeira geração de letrados do Paraná. Nas primeiras décadas do século XX, contam-se inúmeros movimentos culturais no Paraná impulsionados por diversos grupos sociais, dentre os quais os dos imigrantes recém chegados, dos homens da igreja católica, dos filhos da elite econômica de origem luso-brasileira. O pano de fundo dessa grande diversidade e dos debates que oporiam alguns desses movimentos entre si era a crise da erva-mate e a ascensão econômica dos novos grupos sociais.

Os fundadores da FFCLPr eram também representantes de um movimento de intelectuais católicos que, em 1929, haviam criado o Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB). O CEB foi criado a partir de uma proposta do Padre Luiz Gonzaga Miele (1893-1976), mas entre seus fundadores estavam também José Farani Mansur Guérios (1906-1943)¹ e aquele que se tornaria o mais importante antropólogo paranaense, José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-1977)². Durante toda sua existência, o CEB se opôs ao anticlericalismo (personificado na figura do professor Dario Vellozo³), e também, durante a segunda metade dos anos

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada na cidade de Goiânia entre 11 e 14 de junho de 2006. Agradeço as críticas e sugestões recebidas, assumindo a responsabilidade pelo texto final. Este artigo é um resultado parcial do projeto “A consolidação do campo das Ciências Sociais no Paraná” e conta com apoio da Fundação Araucária, PR.

¹ Formado em Direito e membro da Academia Paranaense de Letras, Guérios seria um dos fundadores e dos primeiros professores da FFCLPr.

² Doravante abreviamos para Loureiro Fernandes.

³ Dario Persiano de Castro Vellozo (1869-1936) foi professor de história e literatura no Ginásio Paranaense, fundador de várias revistas literárias e um dos poetas “simbolistas” mais expressivos de sua geração.

1930 e durante a década de 1940, ao comunismo. Para fortalecer o catolicismo local, os “fundadores” associaram-se também à defesa dos novos imigrantes, organizaram uma revista, uma biblioteca e um curso de Filosofia (1935)⁴. Através desse trabalho de divulgação, pretenderam reagir ainda às idéias positivistas, à maçonaria e aos credos protestantes (Fressato, 2003). Contudo, o objetivo inicial do CEB, ao ser criado, foi simplesmente reagir ao “laicismo” e à “crise espiritual da época” através da criação de um centro de debates “intelectuais e morais” e “orientador das almas” (Hoerner Jr., 1993, p. 49).

Em 1938, organizou-se um movimento de educadores católicos – Homero de Mello Braga (médico) e Omar Gonçalves da Mota (catedrático em Direito e Secretário estadual de Justiça do estado), entre outros – que deu origem à FFCLPr, como organização pública e estadual, localizada no Palácio Rio Branco. Como um todo, a criação da FFCLPr se espelhava ainda na ação de professores das Faculdades de Direito e de Engenharia e de Medicina que havia resultado na criação da Universidade do Paraná, em 1912, mas fechada em 1915 devido à reforma Carlos Maximiliano⁵. Contudo, após desentendimento entre o secretário de Justiça e o governador (interventor) do estado, Manoel Ribas, em 1939, as instalações da FFCLPr são transferidas para o CEB e de lá, em 1940, para o prédio construído para este fim, do Instituto Santa Maria (futuro Colégio Santa Maria), localizado próximo ao cruzamento entre as ruas XV de Novembro e Tibagi, no centro de Curitiba.

O Instituto Santa Maria era uma instituição particular e religiosa mantida pela União Brasileira de Educação e Ensino, da Congregação dos Irmãos Maristas⁶. Este fato resolveu provisoriamente a questão da continuidade do projeto de 1938. Em contrapartida, de uma instituição pública passaria a uma “faculdade católica”⁷, ou seja, mantida pela Congregação dos Irmãos Maristas, tendo então seus cursos pagos, fato que implicava em problemas financeiros. Até 1958, mesmo após sua federalização e incorporação ao domínio público, ocorrida em 1950 com a criação da Universidade Federal do Paraná⁸, a FFCLPr continuaria a

⁴ Trata-se de um curso de Filosofia ministrado pelo Padre Jesus Ballarin, ligado aos Irmãos Maristas e ao Colégio Santa Maria. Os mesmos conteúdos serviriam de base para o curso de Filosofia da FFCLPr, cuja cátedra estaria também sob a responsabilidade do religioso.

⁵ Esta reforma impedia o reconhecimento de cursos superiores em cidades com menos de 100 mil habitantes ou em capitais de estado com menos de 900 mil habitantes. Após a dissolução, foram criadas, contudo, as Faculdades de Direito (1920) e de Engenharia e Medicina (1922).

⁶ A Congregação Marista criaria, em 1957, a Pontífice Universidade Católica do Paraná (PUC-Pr).

⁷ Em entrevista (Mattar, 2006), a professora Mattar, que se formou na própria faculdade em 1943 e lecionou na mesma desde 1946, refere-se à FFCLPr como sendo uma faculdade “católica”, inclusive mesmo após sua federalização.

⁸ O atual “complexo da reitoria”, onde funcionam hoje o Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, o Setor de Educação e partes da administração central, foi inaugurado em 1958.

funcionar na antiga sede do Instituto Santa Maria, dividindo suas salas de aula e parte dos seus cursos (mas não seus alunos) com a instituição católica que lhe abrigara. Mas, então, resolvia-se definitivamente a delicada questão do financiamento.

Com a criação da Faculdade, o “movimento dos educadores” demonstrava sua vontade de “ocupação dos espaços culturais” e de reação tanto ao movimento da “Escola Nova” (SP, 1932), quanto à manifestação curitibana dos princípios modernistas de 1922. Em nenhum momento pretenderam a criação de um campo de pesquisas no estado, mas sim agir fundamentalmente enquanto intelectuais defensores de uma mentalidade católica, adequada aos destinos de seu projeto de nação. De certa maneira, o movimento destes intelectuais fez eco ao movimento de busca de uma identidade regional, movimento mais tarde conhecido pelo nome de paranismo. Em resumo, as humanidades no Paraná (no qual se incluíam, é claro, as Ciências Sociais) não revelam uma preocupação com a formação de quadros para a função docente nem com a reorganização da máquina administrativa do Estado. Fazer ciência tão pouco era seu lema principal. Recuperar um espaço que se perdia, produzir e reproduzir um certo catolicismo e se consolidar como referência humanística em nível local talvez tenham sido os principais objetivos perseguidos por aquela primeira geração de intelectuais que atuaram no campo ainda em formação das Ciências Sociais paranaenses.

Concebida dentre um espírito de reação de intelectuais católicos ligados ao CEB, o perfil profissional dos professores da FFCLPr não foi uma preocupação central. Não havia especialistas. A título de exemplo, as cadeiras de “Sociologia”, “Antropologia e Etnografia” e “Política” foram ocupadas por aqueles mesmos católicos que haviam criado a Faculdade: Omar Gonçalves da Motta, Loureiro Fernandes e Manuel de Lacerda Pinto, respectivamente. Esta realidade se manteria até fins de 1960. A título de exemplo, durante todo esse período, o responsável pela cátedra de sociologia ainda seria o advogado católico Omar Gonçalves da Mota. O sentido religioso e personalista da fundação da FFCLPr marcaria, em particular, o curso de Ciências Sociais, mas também os cursos de Filosofia e de Geografia e História⁹, em especial no que diz respeito à orientação ideológica.

O pano de fundo da criação da Faculdade não é, contudo, apenas o domínio do campo religioso, mas também do campo político (incluindo aí os campos cultural e científico). Trata-se do período onde “o Paraná, mais especificamente Curitiba, vive a experiência de um movimento modernista tardio”

⁹ A importância da origem religiosa da Faculdade revela-se pelo fato de que, em 1946, sete dos trinta e oito professores (aproximadamente vinte por cento) do corpo docente possuíam como única qualificação profissional o fato de serem católicos.

(Bega, 2006). Em termos acadêmico-organizacionais, a FFCLPr teve por modelo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada pouco tempo antes na cidade de São Paulo. No interior dela estavam três departamentos (Filosofia, Ciências e Letras), além do Instituto Superior de Educação. Ligados a esses funcionariam os cursos de Pedagogia, Letras, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas, Ciências Químicas e o Curso Superior de Educação (Westphalen, 1988, p. 19-21). Não obstante, a FFCLPr surge em sentido diverso de outras experiências regionais, embora não se possa dizer que exista um padrão em relação à criação das escolas de ciências sociais, como bem demonstrou Trindade (2004). O curso de Ciências Sociais na FFCLPr não é fruto uma necessidade de reorganização administrativa do estado, tal como ocorrera com a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, ou mesmo com o curso de Ciências Sociais em Minas Gerais, e também não se pode dizer que havia uma necessidade de formar professores para as escolas secundárias do Paraná.

Em termos de sua institucionalização, a situação do curso de Ciências Sociais, durante a década de 1940, foi precária. Criado em 1938 como curso de Ciências Sociais e Políticas sofre, já em 1940, sua primeira modificação, sendo chamado então de “Curso de Ciências Sociais”. A incorporação do curso pela Congregação dos Irmãos Maristas, após um início ligado à esfera pública, contribuiu para a permanência do problema das fontes de manutenção da Faculdade.

Na década de 1950, com a “federalização” da FFCLPr, impõe-se a gratuidade e começa-se a resolver a delicada questão da manutenção da Faculdade, de seus professores, funcionários etc. Não obstante esse fato, sua capacidade de atração de alunos é pequena. São poucos os alunos e menor ainda é o número de formandos. Entre 1940 e 1960, contam-se apenas trinta e dois formandos entre bacharéis e licenciados¹⁰. A razão disso talvez esteja no mercado de trabalho. Em termos profissionais, naquelas décadas iniciais, o interesse maior era ainda o magistério (Martins, 2006) e as possibilidades profissionais nesta área de ensino muito restritas. Nesse quesito, deve-se levar em consideração ainda a concorrência, em termos de mercado, com o curso de Geografia e História, cuja demanda e capacidade de formação era muito maior, como bem prova o número de duzentos e sessenta bacharéis titulados entre 1940 e 1960. Além disso, o curso pode ter sofrido, a partir de meados dos anos 1940, a concorrência do curso de Serviço Social, criado em 1947 no interior do CEB e que, mais tarde, seria incorporado a PUC-Pr. Finalmente, a indiferenciação temática entre as três áreas e a não regulamentação dos currículos provavelmente contribuíam para a não

¹⁰ Na década de 1960 estes números sofreriam um aumento significativo. No ano de 1964, foram trinta e sete licenciados, e para o ano de 1965, quarenta e cinco.

definição de um perfil profissional, principalmente para o bacharel em ciências sociais.

A comunidade científica paranaense e a produção acadêmica

Não obstante um início difícil, os professores do curso de Ciências Sociais do Paraná procuraram manter laços com as ciências sociais brasileiras e mesmo com outras áreas de conhecimento.

Carneiro & Costa Pinto (1955), em seu misto de análise e relatório sobre a realidade das Ciências Sociais no Brasil a pedido da CAPES (MEC), visitaram várias regiões do país, inclusive o Paraná. No relatório, revelam conhecer a realidade do curso de Ciências Sociais da UFPR. Em relação às atividades docentes, afirmam haver falta de “auxiliares de ensino”, fazendo com que as aulas de sociologia fossem dadas aos cursos de Ciências Sociais, Pedagogia e Filosofia “conjuntamente”. Em relação à pesquisa, afirmam que existe apenas um “instituto de pesquisa” (o Instituto de Pesquisa Social, IPS), criado em 1951 após a federalização, ligado à Reitoria e à época dirigido por Loureiro Fernandes. Dentre as atividades desse, ainda segundo o referido relatório, estavam o financiamento de pesquisas sobre o folclore paranaense, sobre os índios Caingang, sobre os pescadores das comunidades praias e ainda um financiamento para as escavações arqueológicas nos sambaquis localizados no litoral do estado. O relatório aponta, enfim, problemas ligados à reprodução e formação do corpo docente¹¹ e à recente institucionalização da pesquisa. As soluções¹² foram igualmente incorporadas ao relatório: implementação de bolsas de estudo para complementar a formação dos quadros egressos em nível de pós-graduação e a adoção de uma legislação que fortalecesse o mercado profissional na FFCLPr para os bacharéis.

Nogueira (1981, p. 217), em estudo sobre a realidade das ciências sociais no Brasil em meados dos anos 1950, afirma que no Paraná, “começa a se fazer notar um grupo de estudiosos de sociologia: Euclides de Mesquita¹³, Olga Mattar¹⁴

¹¹ As cadeiras dos cursos da FFCLPr eram ocupadas por professores sem titulação específica e os recém-formados não eram incorporados à universidade.

¹² A solução, de acordo com a nova legislação pós-federalização, foi a abertura de concursos públicos para o preenchimento das vagas. Contudo, numa manobra regimental, a universidade concedeu títulos de “notório saber” aos então responsáveis pelas cadeiras a fim de que pudessem participar dos concursos.

¹³ Um dos professores que participam dos debates com Édson Carneiro e Costa Pinto foi Euclides de Mesquita. Nesta época, ele era o presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, seção Paraná. Euclides é citado por Nogueira (1979-81) como sendo um dos sociólogos da “nova geração” de professores da FFCLPr.

¹⁴ Neste momento, Olga Mattar era “docente livre” da cátedra de Sociologia. O responsável pela cátedra continuava sendo Omar Gonçalves da Motta. Ela era também responsável pela cadeira de Sociologia da PUC-Pr.

e Altiva Balhana¹⁵”. A presença deste mesmo grupo de professores no curso de Ciências Sociais é atestada por um jovem sociólogo paulista, Otávio Ianni, quando da realização de sua pesquisa de doutoramento¹⁶ no litoral do estado.¹⁷

A relação das ciências sociais paranaenses com o campo das ciências sociais brasileiras ocorria também em outras frentes. A primeira prova disso é a realização em Curitiba, entre os dias 22 e 31 de agosto de 1953, do II Congresso Brasileiro de Folclore, uma das áreas mais fecundas no campo dos estudos sócio-antropológicos de então¹⁸. Além desse, em 1954, Curitiba é sede do 1º Congresso Paranaense de Sociologia¹⁹, cuja promoção estava a cargo da Sociedade Brasileira de Sociologia. Os temas debatidos neste congresso foram: “Sociologia e disciplinas afins”, “Pesquisas sociais no Brasil”; “Estudo de áreas no Paraná” e “Antropologia”. Por outro lado, a análise dos “membros honorários” do congresso revela nomes como os de Donald Pierson, Roger Bastide, Guerreiro Ramos, Fernando de Azevedo e Delgado de Carvalho, dentre outros, demonstrando o conhecimento e as relações que os professores locais estabeleciam com os intelectuais atuantes no campo em nível nacional. Finalmente, em 1959, organiza-se em Curitiba a IV Reunião da Associação Brasileira de Antropologia.

Nesses congressos, dois fatos apresentam-se. Primeiro, não há uma nítida distinção entre as três áreas das ciências sociais, em especial entre a antropologia e a sociologia, seja em relação aos temas, seja em relação às formas de abordá-los. Uma prova disso, no Congresso Paranaense de Sociologia, é o título de um dos tópicos tratados dentro do tema “Antropologia”: “métodos antropológicos nas pesquisas sociológicas”. Em segundo lugar, nota-se a presença dos temas “folclóricos” (que incluía também os estudos sobre tradições populares, música etc.) relacionados como “disciplinas afins”. Vilhena (1997, p. 138-158) afirma que neste momento os “folcloristas” lutavam pela “cientificização” dos estudos folclóricos, ou seja, lutavam abertamente para a construção do ‘fato folclórico’,

¹⁵ Altiva era “docente livre” da cátedra de História da América, cujo responsável, desde 1940, era Bento Munhoz da Rocha.

¹⁶ O professor Loureiro Fernandes acabaria por compor a banca de defesa da tese de doutoramento de Otávio Ianni. Há uma foto dessa banca na capa do primeiro volume do livro sobre a história das ciências sociais organizado por Miceli (1989).

¹⁷ Quando da publicação de seu livro sobre a escravidão no Brasil (*As metamorfoses do escravo*), Ianni agradece nominalmente às professoras Maria Olga Mattar, Altiva Balhana e, “na etapa de obtenção de dados”, a Bento Munhoz, Brasil Pinheiro Machado, Loureiro Fernandes e Wilson Martins.

¹⁸ A importância dos estudos sobre folclore para a história das ciências sociais brasileiras vem sendo redimensionada. Para o Paraná, sua importância é muito grande, conforme demonstramos mais tarde.

¹⁹ A comissão organizadora era composta, dentre outros, pelos sociólogos locais Euclides de Mesquita e Olga Mattar.

o que permitiria àquela área de estudos ser chamada de ‘ciência autônoma’. A definição do ‘fato folclórico’ havia sido tema de importantes debates durante a realização do I Congresso Brasileiro de Folclore (1952) e está no centro dos debates que opôs Édson Carneiro a Florestan Fernandes e a Roger Bastide²⁰. As discussões em torno desse tema estendem-se ao II Congresso, tendo nos representantes paranaenses alguns de seus principais pivôs. Para compreender essa disputa, faz-se necessário voltar ao Paraná.

O momento inicial do desenvolvimento da pesquisa em ciências sociais no Paraná, como indicado acima, se constituía em duas direções não necessariamente excludentes: a dos estudos etnológicos (de comunidade e/ou folclóricos) e a dos estudos antropológicos (arqueológicos/museológicos e indígenas). Os estudos folclóricos, no Paraná, haviam adquirido certa autonomia, tendo conquistado inclusive uma seção (Seção de Folclore) no interior do IPS (dirigido por Loureiro). O diretor dessa seção era Fernando Corrêa de Azevedo, que também era membro da Comissão Paranaense de Folclore, CPL (também dirigida por Loureiro na condição de seu ‘secretário geral’), além de diretor da Escola de Música e Belas-Artes da UFPR. Ocorre que, quando do I Congresso, Loureiro não teria concordado com a definição do ‘fato folclórico’ (porque essa tese reforçava a idéia de um “domínio próprio”, enquanto que para ele o folclore era uma divisão dos estudos etnológicos), e *pari passu* resolve extinguir a “seção de folclore” do IPS (Vilhena, 1997, p. 142). As reações de Fernando Corrêa²¹ não tardariam e, logo no ano de 1954, estava aprovada uma moção de “estranhamento” em relação à atitude de Loureiro, provocando a renúncia deste último ao cargo de secretário geral da CPL, uma das mais ativas e a grande responsável pela organização do II Congresso em Curitiba.

Em função dessa situação particular, uma das direções por onde caminhava o desenvolvimento da pesquisa em ciências sociais no Paraná – aquela ligada aos estudos regionais ou de comunidade – perdia um de seus importantes referenciais teóricos e institucionais (os estudos sobre o folclore no interior da Comissão Nacional do Folclore, CNFL) sendo, a partir de então, lentamente abandonada ou, pelo menos, colocada em segundo plano. Para isso, concorreram ainda: 1) o insulamento nacional, ou seja, a perda de espaço institucional dos estudos folclóricos nos currículos dos cursos das faculdades de filosofia e também no interior dos currículos escolares, o que em Curitiba era particularmente importante porque o folclore era disciplina obrigatória no curso de Música e Belas-Artes, e

²⁰ A caracterização dos temas folclóricos como sendo não ou pouco científicos foi uma das mais importantes conseqüências do desenvolvimento das ciências sociais na USP.

²¹ Uma das idéias de Fernando Corrêa era que a cadeira de Folclore fosse incluída nos currículos escolares universitários, tal como já ocorria no curso de Música e Belas-Artes. Loureiro se opunha a essa idéia.

2) o isolamento local devido à extinção da seção de folclore do IPS e da renúncia de Loureiro do cargo de secretário geral da CPL. Ainda que o campo dos estudos folclóricos não tenha conquistado, em nível nacional e universitário, o espaço acadêmico-científico almejado, o fato é que essa específica direção de pesquisa, que poderia ter se constituído num campo de estudos da sociologia da cultura ou da antropologia social, acabaria por perder, no plano universitário local, o importante locus de ensino e apoio à pesquisa (no seio do IPS), ficando circunscrita à larga, porém mal definida concepção de etnologia defendida por Loureiro.

Enfim, o interesse e apoio que Loureiro havia manifestado em relação aos estudos folclóricos – como pode ser atestado pela sua participação no movimento desde o I Congresso, quando apresenta trabalho – não se apresentava de maneira incondicional, mas estava ligado à questão regional e à contribuição da particular identidade do Paraná para a cultura brasileira. Exemplo disso é seu estudo sobre as “congadas da Lapa”, apresentado no I Congresso (Fernandes, 1951), onde assinala a presença de um “descendente de alemão, a funcionar como fator integrante do espírito nacional” (Fernandes apud Vilhena, 1997, p. 195)²². Loureiro continua a pesquisar temas regionais, mas, a partir de então, trabalhando decididamente em direção dos estudos arqueológicos, como se pode ver pela criação, em 1956, do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA)²³ e, finalmente, em 1958, pela criação do “Departamento de Antropologia”, no interior do atual edifício Dom Pedro I, na rua General Carneiro, da UFPR.

Em síntese, a produção acadêmica e o ambiente intelectual no estado do Paraná, ao longo dos anos 1950, apresentam as seguintes características: pequeno apoio ao estudo de temas sociológicos e de temas antropológicos (reunidos localmente por Loureiro na ‘rubrica’ etnologia), incentivo dos estudos arqueológicos (museológicos e indígenas realizados no interior do CEPA) e as preocupações em torno da identidade cultural do estado. Enquanto Loureiro domina o campo dos estudos arqueológicos, o campo dos estudos sociológicos e antropológicos permanece sem um expoente à altura, vindo a conhecer na figura de um outsider, Wilson Martins, um personagem emblemático das preocupações locais. As trajetórias desses dois personagens são apresentadas em seguida.

²² O próprio Fernando Corrêa teria afirmado que no Paraná estava se “formando um folclore diferente” (Azevedo apud Vilhena, 1997, p. 195).

²³ O CEPA existe até hoje e é dirigido por um bacharel em Ciências Sociais na UFPR, formado no início dos anos 1960 e hoje professor do curso.

José Loureiro de Ascensão Fernandes

Loureiro Fernandes nasceu em Lisboa, em 1903. Seus pais, portugueses, embora residissem no Brasil, estavam em Portugal. Foi assim registrado no consulado brasileiro, chegando ao Brasil logo em seguida. Formado em medicina com especialização em urologia, a trajetória antropológica de Loureiro Fernandes se confunde, de certa maneira, com a própria trajetória das ciências sociais brasileiras. Vejamos.

Diretor do Museu Paranaense (1936-43 e 1945-46) e fundador do Museu de Arqueologia e Artes Populares da UFPR, Loureiro²⁴ realizou as primeiras pesquisas antropológicas de que se tem notícia no estado no interior do próprio museu. Além disso, estabeleceu ligações intelectuais com o mundo acadêmico atuante nas Ciências Sociais brasileiras, o que incluía nomes como os de Herbert Baldus, Emílio Willems, Roger Bastide²⁵, Florestan Fernandes. Debuta como antropólogo em 1939 com o artigo “Notas hemato-antropológicas sobre os Caiaguangues²⁶ de Palmas”. Como professor da FFCLPr, ocupa as cadeiras de “Antropologia” e “Etnologia Geral e do Brasil” nos cursos de História e Geografia e de Ciências Sociais, e como professor da Faculdade Católica, ocupa a cadeira de “Antropologia, Etnografia Geral e do Brasil”.

Em 1950, como visto, Loureiro fundava o IPS. Durante sua primeira década de existência, o Instituto organiza diversos cursos como, por exemplo, durante o ano de 1952, o curso de Sociologia ministrado por Gilberto Freyre, o curso de Literatura e História ministrado por Sérgio Buarque de Holanda, o curso de Literatura Brasileira ministrado por Antonio Cândido e o curso de Etnografia do Brasil ministrado por Herbert Baldus. Já em 1954, organiza mais dois cursos: o curso de “Técnicas de Pesquisas Sociológicas” ministrado por Fernando Altenfelder Silva e o curso intitulado “O legado do Negro” ministrado por Édison Carneiro. Além disso, o exame das atas do IPS, entre 1950 e 1963, revela um importante esforço de apoio à participação em eventos científicos, em bancas e conferências (Furtado, 1999, p. 70-73). Em 1958, após a fundação do CEPA, aparentemente estão criadas as condições para o desmembramento do Departamento de Ciências e dos demais da FFCLPr, o que “fortaleceu a pesquisa científica; incentivou a prática de parcerias...” (Furtado, 1999, p. 89).

²⁴ Na biografia de Loureiro, contam-se ainda as aulas nas clínicas cirúrgica e urológica da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, o mandato de vereador em Curitiba e o cargo de secretário de cultura do estado do Paraná.

²⁵ O francês Roger Bastide (1896-1974) chegou ao Brasil em 1937 para ocupar a cadeira de Sociologia na USP. Nos anos 1940, convidou Florestan a participar de uma grande pesquisa sobre negros e brancos na cidade de São Paulo.

²⁶ Trata-se da primeira grafia. Posteriormente, adotou-se a grafia “Kaiagang”.

Como se pode ver pela variedade dos temas dos cursos oferecidos pelo Instituto, a atuação de Loureiro, ainda que hoje associada ao campo da antropologia, não se resumia a esta.

Em síntese, médico de formação, Loureiro torna-se diretor de museu e mais tarde professor de antropologia, numa carreira profissional que, de certa maneira, espelha a própria trajetória das ciências sociais brasileiras, dos museus do século XIX às universidades dos anos 1930. Sua liderança local pode ser, guardadas as proporções, comparada àquela exercida por Gilberto Freyre no Recife.

Em termos de produção acadêmica, Loureiro trabalhou sobre um leque variado de temas tais como musicologia, arqueologia, folclore, estudos raciais, cultura popular, arte popular, preservação natural, estudos indígenas, embora sua atuação docente e de pesquisador se circunscrevesse fundamentalmente à área da antropologia física²⁷. Contudo, para compreender sua produção acadêmica, faz-se necessário lembrar que Loureiro fez parte de uma influente geração de intelectuais paranaenses (CEB, criação da FFCLPr), além de ter exercido dois cargos políticos, o primeiro como vereador de Curitiba e o segundo como secretário estadual de educação e cultura, entre 1948 e 1950.

Iniciando com as “notas hemato-antropológicas...” de 1939, Loureiro publica em 1941 “Os Caiaguanges de Palmas” e, em 1942, “Os Xetá da Serra dos Dourados”, povo caçador-coletor “descoberto” no bojo da expansão cafeeira no norte do estado. Durante a década de 1940 até o início dos anos 1950, afora as atividades administrativas e políticas, publica diversos trabalhos históricos – como, por exemplo, “A comissão de Comércio de Curitiba na Revolução de 1894”, “Contribuição à geografia da Praia de Leste”, “As cavalhadas de Palmas” além da já citada, “As congadas Lapenas”²⁸ – cujo fundo comum é a história do Paraná e o tema da identidade regional. Em termos históricos, nesse período, o estado do Paraná segue as linhas gerais traçadas nos últimos anos do Estado Novo, “com alguns eixos de modernização burocrática e o início das políticas industrializantes” (Oliveira *et al.*, 2004, p. 29). Conforme desenvolvemos alhures (Oliveira, 2005), com a democratização de 1946, ocorre uma acomodação das elites locais em relação ao governo do estado. Eleito, o ex-presidente Dutra nomeia Brasil Pinheiro Machado, interinamente, na governadoria do estado. A escolha era presumível. Brasil havia sido Procurador Geral da Justiça entre 1939 e 1945 e também diretor e professor da FFCLPr. Logo em seguida, com apoio

²⁷ Segundo Oliva (2005), na área de Antropologia Cultural, as aulas de Loureiro se limitavam “a copiar no quadro negro os conteúdos retirados dos livros”. Teria sido devido à atuação docente, nos anos 1960, de Maria Cecília Helm que a área de Antropologia cultural teria se firmado no curso.

²⁸ Para a produção completa de Loureiro, ver Garcia (2000, p. 209-210).

da antiga elite da República Velha, é eleito para o governo do estado o empresário Moyses Lupion²⁹. Em 1950, finalmente, é eleito um legítimo membro das antigas elites, Bento Munhoz da Rocha, filho de um governador da República Velha e genro do Presidente do estado derrubado pela Revolução de 1930. Mas Bento não é apenas mais um político, mas – e talvez – “o mais destacado intelectual da tradicional elite paranaense” (Bega, 2006).

Bento Munhoz governa o Paraná entre 1950 e 1955, quando organiza as comemorações do centenário da emancipação de São Paulo, 1953/4. Fruto da expansão cafeeira para o “norte pioneiro” (região de Londrina e Maringá) colonizado pelos paulistas, e para o oeste/sudoeste, colonizado principalmente pelos gaúchos, em meio a tendências separatistas, como a tentativa de criação do território do Iguazu e mesmo o desejo de criar o estado do Parapanema, membros das elites locais (dentre os quais Loureiro Fernandes e Wilson Martins) constroem um movimento contrário, apontando para a necessidade de integração físico-territorial e a vontade de consolidação social e econômica do “novo” estado. Os trabalhos “históricos” (por exemplo, sobre as congadas e sobre as cavahadas) e “antropológicos” (sobre os Kaigang e sobre os Xetá) de Loureiro, embora apresentem inegável valor científico, inserem-se neste contexto de formação de um “outro” estado do Paraná, sendo talvez expressão dessa necessidade de compreender e forjar as bases da “nova” realidade estadual.

Peirano (1999) afirma que a guinada de Florestan Fernandes em direção a uma sociologia, digamos, mais disciplinar, ou seja, a passagem do tema dos Tupinambá para o tema das relações raciais, tem a ver com um projeto político de nação em gestação. A chamada corrente “fricção interétnica” dos grupos nacionais seria outra expressão desta mesma preocupação (Castro, 1999). A trajetória e a produção acadêmicas de Loureiro tornam possível classificá-lo dentro da chamada corrente “fricção interétnica”, embora em escala regional. Isto porque seu campo de estudos, o estado do Paraná, em termos de desenvolvimento econômico-social e de expansão da ocupação humana, apresentava situações bastante diversas e, até certo ponto, extremamente originais, como revelado pela descoberta dos Xetá. Não obstante, fundamentalmente, os trabalhos de Loureiro revelam preocupações tanto com a relação dos índios com os “brancos paranaenses”, quanto com as manifestações culturais e folclóricas no estado e, sobretudo, com a identidade regional e seu papel em relação à identidade nacional.

Em síntese, embora médico de formação e antropólogo, e educador por profissão assumida, a presença dos institutos no interior da FFCLPr e a pouca diferenciação disciplinar entre as áreas das ciências sociais na década de 1950,

²⁹ É no governo de Moyses Lupion que Loureiro ocupa o cargo de secretário estadual.

aliados ao momento histórico vivido no estado do Paraná, permitem colocar sob nova perspectiva a atuação e a produção acadêmica de Loureiro em tantas frentes de trabalho. Mesmo sem uma atitude consciente de sua parte, seus diversos trabalhos e sua trajetória contribuíram não apenas para a consolidação das ciências sociais no estado, mas também para a formação de uma certa identidade paranaense, definida tanto em relação às questões sócio-históricas e políticas locais quanto em relação às questões nacionais. Obra e trajetória respondem assim a uma dupla chamada interna e externa ao estado e ao campo das ciências sociais brasileiras.

Wilson Martins

Wilson Martins nasceu em São Paulo, em 1921, chegando a Curitiba em 1930. Formado em Direito em 1943, sua carreira de crítico literário iniciara-se um ano antes, em 1942, no jornal *O Dia*. A carreira de crítico literário se confirma em 1952, com o título de Doutor em Letras e o prêmio do Departamento de Cultura de São Paulo, que publica seu livro *A crítica literária no Brasil*. Desde então, são mais de cinquenta anos de crítica literária praticamente ininterrupta. A maior parte vem sendo editada sob o título de “Ponto de vista”. Atualmente com treze volumes, compreende o período que vai de 1954 até o ano de 1997, num caso sem igual na história da crítica literária brasileira.

A obra que torna o crítico conhecido do grande público é *História da Inteligência Brasileira*. Publicada em sete volumes, entre 1976 e 1979, nela o autor literalmente varre toda a produção literária brasileira de 1794 até 1960. Há aí uma tese, como afirma o próprio autor:

A História da Inteligência Brasileira tem esse título por isso, porque não é mais nem a história da ciência, nem a da literatura, nem a das idéias políticas, é a inteligência tal como ela se desenvolve e tal como age, a sua função no contexto da vida intelectual. [...] Compreender quer dizer abarcar tudo e perceber o sentido daquilo. Foi o sentido da vida brasileira que eu procurei registrar (Martins, 2001, p. 12-13).

Compreender “o sentido da vida brasileira”. Talvez por isso, Wilson Martins, nos vários volumes do livro, não tenha se limitado a “criticar” obras de literatura. Seu objetivo foi o de “compreender o sentido” dos mais diversos tipos de publicação – livros de sociologia, de história, de antropologia, ensaios, crônicas, poesias, romances, peças de teatro etc. – dentro de uma trajetória da sociedade brasileira, e não apenas da estética literária.

O veio sociológico e antropológico do crítico havia se manifestado desde bem cedo. Afora os trabalhos iniciais no campo da crítica literária, publicou nos anos 1950 dois trabalhos sobre o tema da democracia e um terceiro sobre direito.

São eles: *Conceito de democracia* (1950)³⁰, *Introdução à democracia brasileira* (1951)³¹ e *Código de Processo Penal* (1956)³². Sobre o Paraná, especificamente, a produção é relativamente pequena: dois livros e dois artigos³³. O livro que nos interessa é *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*, publicado em 1955. Sobre este livro, pode-se perguntar: que objetivos teriam sido buscados por um crítico literário ao escrever um livro sobre a identidade cultural do Paraná? Como bem o demonstram os livros sobre democracia e direito e, em especial, a *História da Inteligência Brasileira*, o autor podia arriscar-se a realizar um trabalho tomando como objeto o estado do Paraná. Mas a ambição contida no livro era, de fato, de outra natureza: tratava-se de escrever, para o sul do Brasil, aquilo que Gilberto Freyre havia realizado para o país como um todo em *Casa Grande & Senzala*, isto é, compreender os processos de aculturação dos elementos europeus não-portugueses em terras do sul. Tanto assim que o sub-título de seu trabalho é *Ensaio sobre fenômenos de aculturação do Paraná*, oferecendo aos leitores a seguinte explicação:

O imigrante, num espaço de tempo extraordinariamente curto, deixou de se sentir imigrante para se amoldar por completo à nova terra, da mesma forma por que a amoldava aos seus próprios hábitos, experiências, tradições. Nesse particular, os homens europeus e, por “simpatia”, os de outras etnias, demonstraram no clima temperado do Paraná a mesma plasticidade admirável que o Sr. Gilberto Freyre verificou nos portugueses ‘lançados’ em zonas tropicais (Martins, 1989, p. 6).

O paralelo assumido com a obra maior de Freyre revela claramente o objetivo central do autor: analisar os processos de aculturação que teriam formado, no Paraná, um novo homem, uma vez “[...] que já não há ‘estrangeiros’ no Paraná, à exceção, naturalmente, dos que chegaram por último: há o *homem paranaense*” (1955, p. 6, grifo do autor). Inspirando-se em Freyre, contudo, Martins dele se distancia por acreditar que haveria no Paraná “elementos perturbadores” que diferenciariam o homem e a sociedade local da “cultura luso-tropical” identificada

³⁰ *Conceito...* é um relatório para a pesquisa da UNESCO sobre democracia.

³¹ *Introdução* é um trabalho onde Martins desenvolve suas teses sobre a democracia. Em suma, ela afirma que em um país de fraco desenvolvimento político-intelectual e onde o eleitor desconhecia a dimensão de seu voto, as práticas democráticas poderiam ocasionar erros de apreciação e de escolha política.

³² *Código...* é um estudo advindo da experiência que Martins teve como juiz de direito em Curitiba, no início dos anos 1950, quando, através de um mesmo ato do governo federal, fora nomeado juiz e catedrático da Universidade do Paraná.

³³ Vide referências.

pelo cientista social pernambucano. Entre estes “elementos perturbadores”³⁴, Martins assinala dois que, na história e na formação social do povo paranaense, não teriam sido sociologicamente “ponderáveis”: o português e o negro (em suas palavras, “ausência do português e a inexistência da escravidão”³⁵). Além desses, Martins acrescenta um terceiro elemento social que não estava presente na análise freyriana: o imigrante³⁶.

O partido estava tomado. Os estudos de Gilberto Freyre valeriam para algumas regiões do Brasil, mas não para todas. Urgia completar o quadro da formação social brasileira, examinando agora as particularidades criadas pela forte presença do imigrante, não apenas no Paraná, ele assinala, mas nos “estados do sul”, dentre os quais incluía também o estado de São Paulo (Martins, 1989, p. 5). Em resumo, Martins expressa o desejo de compreender a influência de outras culturas “na sociologia meridional”. Estava claro que havia, pelo menos, duas “zonas de colonização”: uma “nacional” e outra de “predominância estrangeira”. A polarização poderia facilmente nos fazer pensar em outras de igual monta: casa grande e senzala, semeador e ladrilhador. Mas, agora, a polarização seria entre duas formações sociais: uma englobando os estados do sul mais o estado de São Paulo, e outra para o “resto” do Brasil. O país estava decididamente cindido e o critério de corte não era o desenvolvimento, a urbanização, a renda ou a concentração populacional. Era o imigrante. O desejo de construir uma “outra” interpretação do Brasil mistura-se assim à crítica (ora aberta, ora velada) ao modelo freyriano.

A obra, quanto a ela, apresenta uma estrutura simples. O plano, para alcançar o objetivo proposto, se inscreve na grande tradição dos ensaios, desprezando de alguma forma a periodização clássica da história brasileira. À imagem de *Os Sertões*, tem-se a paisagem, o homem, a casa, a comida, a roupa, a família, a técnica e as idéias compondo a realidade “diferente”. No último capítulo, a referência à “campanha da nacionalização” é relevante. A assimilação ou a aculturação deveria passar necessariamente por um gradual afastamento e/ou esquecimento da língua nativa. Mas se a inspiração era freyriana, a mais importante referência teórica é o estudo sobre a aculturação dos alemães, escrito por Emílio Willems (1946), citado

³⁴ O autor empresta o termo de “perturbadores” da astronomia. Ele afirma: “...como se diz, em astronomia, de um planeta desconhecido que “perturba” o comportamento dos demais” (Martins, 1989, p. 5).

³⁵ Em outro trabalho (Oliveira, 2005), mostramos as críticas que este trabalho recebeu, em parte pelo fato de ter negado a importância da escravidão e do negro na formação social do estado, mas também por ter diminuído a importância da imigração polonesa.

³⁶ O imigrante era fundamentalmente o alemão e curiosamente não o polonês, de fato o grupo imigrante numericamente mais importante no estado. Pouca importância também é dada aos imigrantes italianos e ucranianos.

vinte e quatro vezes no trabalho. Em suma, o processo de aculturação teria gerado as diferenças.

Se a inspiração e o distanciamento claros estão, que dizer das razões sócio-históricas? Segundo Bega (2006), a partir de 1930 surge no Paraná uma nova geração que trabalha a partir de outra matriz informadora. Busca-se agora “construir a identidade paranaense não por sua similaridade ao nacional, mas pelo que tem de peculiar, num movimento oposto ao dos literatos do século XIX que visavam diluir os elementos de diferença”. A criação da FFCLPr (1938) é um importante capítulo desta história que pretende, ao cabo, também construir um projeto de estado regional, fixando uma identidade que some, mas não se dilua na cultura nacional. A mitologia de um estado “branco”, fruto da colonização europeia, sem elementos negros ou portugueses, começava a surgir. Em termos históricos, governava o Paraná Bento Munhoz. Kunhavalik (2004, p. 191) analisa esse período nos seguintes termos:

A formação do Estado do Paraná apresenta certas particularidades regionais. Destacam-se três regiões com especificidades em seu processo de formação social, econômica e política. Desta forma, uma questão relevante que perpassa grande parte da história paranaense após a emancipação política é a da integração do território paranaense. [...] Além disso, observa-se nesta gestão uma preocupação com a constituição da identidade paranaense.

Os discursos de Bento Munhoz se coadunam com as preocupações reveladas por Wilson Martins em seu trabalho. Vejamos. Em discurso proferido em 1952 (um ano e meio após sua posse), o governador ressalta a preocupação do Brasil com o Paraná: “O Brasil está espiando o Paraná. O Brasil está desejando o Paraná”. Sobre as características sócio-culturais do estado, ele afirma: “Paranaenses são todos aqueles que vivem e amam o rincão paranaense. Paranaenses são todos aqueles brasileiros que vieram de outros estados como também estrangeiros...” Enfim, em 1954, em outro discurso, agora comemorando o centenário da independência do estado, Bento afirma: “Podeis ter a certeza de que aqui se está construindo alguma coisa diferente no Brasil” (Bento Munhoz, apud Kunhavalik, 2004, p. 192-193).

As ligações entre Bento e Martins não eram, contudo, simplesmente intelectuais. Em seu governo, Bento recebe assessoria de um pequeno grupo de amigos, dentre os quais está Wilson Martins. Martins, entre 1943 e 1944, havia sido oficial de gabinete do interventor (de 1930) Manoel Ribas. Sua nomeação para o cargo de juiz e de professor da Universidade do Paraná ocorre em 1950, quando Bento já havia sido eleito governador. É de se supor assim que Martins e Bento estivessem unidos por laços de amizade e uma mesma visão da política e do estado paranaense. Portanto, escrever um livro sobre a identidade paranaense,

naqueles anos, era possível e mesmo desejável. Se o objetivo era criar uma nova identidade, melhor seria apresentar uma nova história, ou melhor, uma outra história, ou enfim, apresentar um “Brasil diferente”.

Em síntese, tanto a trajetória quanto o mais importante livro de Martins, no que se refere às ciências sociais paranaenses, é um misto de análise sociológica e antropológica com forte veio nas preocupações locais em torno da identidade social do estado. Em outro registro, o livro e a época histórica revelam como a produção acadêmica no campo das ciências sociais estava marcada por um projeto político que contemplasse a necessidade de ligação entre sentimentos regionais e a pertença à nação.

À guisa de conclusão

Loureiro e Martins são personagens bem distintos, tendo trilhado carreiras igualmente distintas. O que os aproxima é uma determinada configuração histórica local. Segundo Trindade (2004), os ditos casos “melhor sucedidos de institucionalização da sociologia no contexto acadêmico” não apresentam um padrão a partir do qual se devam buscar trajetórias variantes. Isso porque, mesmo na USP, o processo de institucionalização teria ocorrido de uma forma bem particular. O caso paranaense pode ser considerado, não obstante isso, periférico, sobretudo quando se pensa na posterior e tardia consolidação da pesquisa em ciências sociais no estado, que só ocorreria nas décadas de 1980 e 1990. Seja como for, mais importante do que definir as características centrais, talvez seja necessário reconhecer as características da formação social do sul do país.

A história local das ciências sociais apresenta algumas particularidades que cabe ressaltar. A primeira delas é a consolidação política tardia do estado. Em segundo lugar, temos as grandes levas de imigrantes europeus que desembarcam no estado a partir de finais do século XIX e durante a primeira década do século XX. Em terceiro lugar, há que se considerar a presença de círculos católicos em embate declarado aos simbolistas e anti-clericais, fatos que muito marcaram a história da educação superior no estado. É de se notar, contudo, as semelhanças entre a história local e a história “nacional”. A presença de médicos ligados aos museus e à antropologia é fato recorrente³⁷. Loureiro Fernandes era médico e nunca deixou de ser professor da faculdade de medicina. Assim mesmo, desenvolveu sua carreira ligada às ciências sociais. Seu trabalho acadêmico revela tanto um cuidado com populações indígenas pouco ou mal assistidas, quanto

³⁷ Observe-se, por exemplo, a presença do médico Oswaldo Rodrigues Cabral como professor de Antropologia na Faculdade Catarinense de Filosofia, criada em 1954. Para maiores detalhes, ver Santos (2006).

um desejo de integração das mesmas no contexto regional. Seu trabalho revela ainda um cuidado com a preservação do patrimônio artístico e arqueológico, com a educação e com a celebração das diferenças culturais locais.

Wilson Martins é um crítico literário. Trata-se de um leitor voraz, mas sua formação sociológica e/ou antropológica, em nada comum, é autodidata. Suas ligações políticas o teriam feito cientista social? É provável que sim; sua criticada obra falaria assim não apenas às ciências sociais – por mais que o autor assim desejasse –, mas fundamentalmente àquele momento histórico, às suas relações pessoais e políticas, às necessidades de uma nova identidade para o estado. É assim que se pode compreender porque apenas em 1999 Martins tenha retornado ao tema da identidade cultural do estado. Neste momento, quase meio século após o Brasil diferente, a “invenção do Paraná” soa descontextualizada. Isso, sobretudo, porque não apenas o crítico retoma sua tese central – ainda sem fazer menção a outros grupos sociais além dos imigrantes alemães –, afirmando então que a identidade do estado (sua invenção) teria se dado por ocasião da elevação da 5ª Comarca de Curitiba à condição de província do Império (Província do Paraná), no ano de 1853. Cabe observar aqui que este trabalho apresenta uma vontade de fundar miticamente o estado, tal como ele mesmo pretendia fazer com o Brasil diferente?

Branco e “diferente”? Cultural e antropológicamente singular? Essas perguntas aparentemente povoaram as mentes daqueles que muito contribuíram com a história das ciências sociais no estado. Nisso, a trajetória das ciências sociais no Paraná é realmente singular. Revela uma preocupação “sulista” com uma identidade considerada como sendo “pouco brasileira”. Que as trajetórias de Loureiro e de Martins tenham se produzido no interior dos espaços acadêmicos, colada às ciências sociais, de maneira nenhuma surpreende, porque afinal a questão da identidade sempre foi central na história do pensamento social brasileiro, e também muito importante na formação das ciências sociais brasileiras.

Referências

- ARRUDA, M. A. do N & GARCIA, S. G. (2003). *Florestan Fernandes. Mestre da sociologia moderna*. Brasília: Paralelo 15/CAPEL.
- AZEVEDO, T. de. Folclore e ciências sociais. (1957). *Sociologia* ELSP, vol. XIX, ago/57, nº 3, p. 163-17.
- BEGA, M. T. (2006). “Gênese e campo das Ciências Sociais no Paraná”. In: OLIVEIRA, Márcio de (org.), *As Ciências Sociais no Paraná*. Curitiba: Prottexto, p. 31-53.
- CARNEIRO, E. & COSTA PINTO, L. A. (1955), *As Ciências Sociais no Brasil. Estudo realizado para a CAPEL*. Rio de Janeiro: CAPEL.

- COLOGNESE, S. A., SANTOS, C. A. dos e TOMAZI, N. D. (2000). *A institucionalização da sociologia no ensino superior paranaense*. Trabalho apresentado no V Congresso Estadual de Sociólogos e I Congresso Estadual de Ciências Sociais, Londrina.
- CORRÊA, Mariza (1987). *História da Antropologia no Brasil (1930-1960), testemunhos*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, Campinas: Editora da UNICAMP.
- CORRÊA, M. & DEBERT, G. G. (1984). *Oracy Nogueira: esboço de uma trajetória intelectual. Entrevista concedida a Mariza Correa & Guta G. Debert*. Disponível em <<http://www.coc.fiocruz.br/hscience/vol2n2/dep22.html>> Acesso em 5 de agosto de 2005.
- FERNANDES, F. (1958). *A Etnologia e a Sociologia no Brasil: ensaios sobre aspectos da formação e desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Anhembi.
- _____. (1978). *A condição do sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1977). *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- FERNANDES, J. L. (1941). Os Caiangues de Palmas. *Arquivos do Museu Paranaense*. Curitiba, v. 1, p. 161-209.
- _____. (1959). Os índios as Serra dos Dourados: os Xetá. In: *Reunião Brasileira de Antropologia, III. Anais...* Recife, p. 27-46.
- _____. (1939). Notas hemato-antropológicas sobre os Caiangues de Palmas. *Revista Médica do Paraná*. Curitiba 8(1/2).
- _____. (1951). Notas para a festa de São Benedito – Congadas da Lapa”, IBECC: Rio de Janeiro.
- FRESSATO, S. T. B. (2003). *Pela catolização da elite curitibana. O projeto intelectual do Círculo de Estudos “Bandeirantes” – CEB. 1929-1945*. Curitiba: 76 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- FURTADO, M. R. (2005). O imaginário de José Loureiro Fernandes expresso em seus registros de memória. *Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Número especial. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). Curitiba: Editora da UFPR, p. 173-195.
- GARCIA, A. (2000). *Dr Loureiro Fernandes: médico e cientista*. Curitiba: Vicentina.
- GARCIA, S. G. (2002). *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. 34.
- HOERNER JR., Valério. (1993). *História da Pontifícia Universidade Católica do Paraná*. Curitiba: Champagnat.
- KERSTEN, M. S. de A. (2005). José Loureiro Fernandes, um intelectual na “província”. *Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Número especial. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). Curitiba: Editora da UFPR, p. 147-154.
- KUNHAVALIK, J. P. (2004). Bento Munhoz da Rocha Neto: trajetória política e gestão no governo do Paraná. In: OLIVEIRA, R. C. de (org.), SALLES, J. de O. e KUNHAVALIK, José P. *A construção do Paraná moderno: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, p. 143-225.
- LIMONGI, F. (1989). A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 1, p. 217-233.

- _____. (1989). Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 1, p. 111-187.
- MARANHÃO, E. de C. & MOLLER, A. (2002). A. *Histórico do curso de Geografia – 50 anos – 1938-1988*. Curitiba.
- MARANHÃO, M. F. C. (2005). Do museu para academia: a trajetória intelectual de Loureiro Fernandes e a institucionalização da Antropologia no Paraná. *Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas*. Número especial. Anais do Seminário Comemorativo do Centenário de Nascimento do Prof. José Loureiro Ascensão Fernandes (1903-2003). Curitiba: Editora da UFPR, p. 155-171.
- MARTINS, I. S. (2006). *Entrevista concedida ao autor*. Curitiba, maio de 2006.
- MARTINS, Wilson. (2001). O crítico por ele mesmo. In: SEFRIN, André. *et al. Mestre da crítica*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Topbooks, p. 7-18.
- _____. (1950). Conceito de democracia. Relatório para a pesquisa da UNESCO sobre democracia. Paris.
- _____. (1946). *Interpretações*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1951). *Introdução à democracia brasileira*. Globo: Porto Alegre.
- _____. (1955). Introdução ao estudo do Simbolismo. Separata de *Letras*, Curitiba.
- _____. (1999). *A invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcelos*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná.
- _____. (1960). “Paraná: uma incógnita”. Ensaio de sociologia eleitoral. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. Belo Horizonte, nº 8, s/p.
- _____. (1955). *Um Brasil diferente. Ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz, [1ª edição, Anhembi, 1955].
- MATTAR, M. O. (2006). *Entrevista concedida ao autor*. Curitiba, maio de 2006.
- MICELI, Sérgio. (1989). Por uma sociologia das ciências sociais. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 1, p. 5-19.
- MICELI, S. (org.). (1999). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. *Sociologia*. São Paulo: Ed. Sumaré: Brasília: ANPOCS/CAPES, p. 109-145.
- NOGUEIRA, O. (1979-81). A sociologia no Brasil. In: FERRI, M & MOTOYAMA, S. (coords.). *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EPU/EDUSP, vol. 3, p. 181-234.
- OLIVA, M. H. A. (2005). *Entrevista concedida ao autor*. Curitiba, novembro de 2005.
- OLIVEIRA, M. de. (2006). *As Ciências Sociais no Paraná*. Curitiba: Contexto.
- OLIVEIRA, Ricardo C. de. (2001). *O Silêncio dos vencedores. Genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do Vento.
- OLIVEIRA, Ricardo C. de (org.). (2004). *A construção do Paraná Moderno. Políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI.
- PEIRANO, M. (1999). Antropologia no Brasil (alteridade contextualizada). In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. *Antropologia*. São Paulo: Ed. Sumaré: Brasília: ANPOCS/CAPES, p. 225-266.
- RUBINO, S. (1995). Clube de pesquisadores. A sociologia e a etnologia e folclore e a sociedade de sociologia. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 2, p. 479-521.

- SCHWARCZ, L. K. M. (1989). O nascimento dos museus brasileiros (1870-1930). In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Edições Vértice/Editora Revista dos Tribunais LTDA, vol. 1, p. 20-71.
- SANTOS, S. C. dos. (2006). A antropologia em Santa Catarina. In SANTOS, S. C. dos (org.). *Memória da Antropologia no sul do Brasil*. Florianópolis: Ed da UFSC/ABA, p. 17-77.
- SOARES, E. V. (1997). *Florestan: o militante solitário*. Rio de Janeiro: Cortez.
- TRINDADE, H. (2004). Institucionalização e internacionalização das ciências sociais na América Latina em questão. In: ALMEIDA, A et al. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas: Ed. Unicamp, p. 145-166.
- VILHENA, L. R. (1997). *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: FGV/FUNARTE.
- UNIVERSIDADE DO PARANÁ. (1948). *Boletim Informativo. Publicação do Departamento Cultural*. Curitiba, vol. 1, nº 3, abr/48.
- WESTPHALEN, C. M. (1987). *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná – 75 anos*. Curitiba: SBPH-PR.
- _____. (1988). *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná – 50 anos*. Curitiba: SBPH-PR.

RESUMO

As ciências sociais na década de 1950 em um Estado do Sul do Brasil: o caso do Paraná

O presente artigo discute a trajetória das Ciências Sociais no estado do Paraná, Brasil, de sua origem (1938) até o final da década de 1950. Isto é feito a partir da análise da criação do curso superior de Ciências Sociais na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, posteriormente incorporada à Universidade Federal do Paraná. Com base nas análises desenvolvidas por Miceli (1989; 1999), analisa-se a história do curso e a produção local sem estabelecer critérios de corte em relação as três áreas Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Fixado este referencial, a histórica local das ciências sociais apresenta-se como resultado de uma particular situação política e científica, embora guardando semelhanças com outros casos estaduais e mantendo relações diretas com as ciências sociais brasileiras. A demonstração da relação entre os níveis local e nacional é feita com base no estudo da trajetória e da produção de dois importantes intelectuais paranaenses, a saber: o médico Loureiro Fernandes e crítico literário Wilson Martins, com ênfase especial na atuação de ambos durante a década de 1950. Como conclusão, mostramos como a história local mantém relações diretas com o momento social e político de afirmação de uma nova identidade para o estado, sendo de certa forma uma resposta às preocupações nacionais em torno da identidade cultural brasileira.

Palavras-chave: Ciências Sociais; Universidade do Paraná; história intelectual

RÉSUMÉ

Les sciences sociales dans les années 1950 dans un état du sud du Brésil: le cas du Paraná

Ce travail présente une discussion sur la trajectoire des Sciences Sociales dans l'état du Paraná (Brésil), dès son origine jusqu'à la décennie des années 1950. Cela est fait à partir de la création du cours universitaire de Sciences Sociales (1938) dans l'ancienne Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres du Paraná, plus tard incorporée à l'Université Fédérale du Paraná. Ayant pour fondement les analyses développées par Miceli (1989 ; 1999), l'on analyse l'histoire du cours et la production scientifique locale sans faire de distinction entre les disciplines clés des sciences sociales, à savoir l'anthropologie, la science politique et la sociologie. Cela posé, nous affirmons que la trajectoire des sciences sociales au Paraná est le résultat d'un contexte social et politique local, bien que la situation locale présente des similitudes avec la situation expérimentée dans d'autres états du pays et que le monde scientifique local entretienne des rapports étroits avec les sciences sociales brésiliennes. Pour démontrer le rapport entre les niveaux locaux et nationaux, l'on analyse la trajectoire et la production scientifique de deux de plus importants intellectuels de l'état, le médecin Loureiro Fernandes et le critique littéraire Wilson Martins, notamment dans les années 1950. L'on conclue que l'histoire locale cherche à établir les bases de l'identité sociale de l'état ainsi qu'il était question pour le pays dans son ensemble et sa quête de l'identité nationale.

Mots-clés: Sciences Sociales; Université du Paraná; histoire intellectuelle

Recebido para apreciação: fevereiro de 2006

Aprovado para publicação: março de 2006